

Nº 19
VOLUME 02
Janeiro
2003



Galante

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

DIABO

no imaginário popular



Irene de Araújo van den Berg

Não é preciso buscar muito para identificar a presença do diabo nos recantos da cultura popular, pois como disse Cascudo em *Superstição no Brasil*, apesar da tentativa ortodoxa contemporânea de tentar desmoralizar satanás o povo ainda



Bloco dos cães - praia da Redinha (RN). Reprodução fotográfica do quadro de Diniz Grilo

acredita no diabo!
Os vestígios de uma intensa crença no diabo, herança de um legado cristão colonial, estão dispersos no imaginário social e revelam-se, sobretudo, na tradição oral e no folheto de cordel.

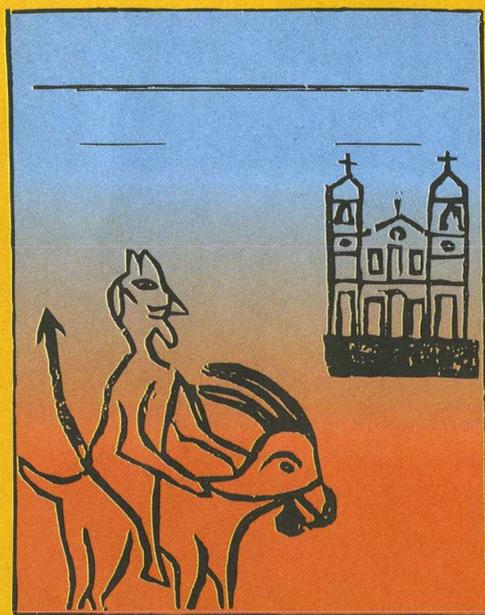
Na primeira podemos apontar as expressões cotidianas que figuram sob a forma de má rogativas (pragas), apelos morais e analogias degradantes, todas elas relacionadas diretamente à figura do diabo ou aos domínios do inferno. Entre estas expressões podemos destacar: "O diabo que te carregue!", "Falar no diabo, ele mostra o rabo", "De boas intenções o inferno está cheio!", "Parece o cão chupando manga!", "Para ser o cão só falta o rabo!" e mais recentemente, por divulgação de uma novela televisiva nacional, "Queimar no mármore do inferno!".

Acompanhando a lógica destas locuções populares temos expressões análogas, que cumprem o mesmo papel, porém revelam uma faceta interessante da religiosidade do povo, que seja a esquiva à blasfêmia. Falar no diabo constitui-se um altíssimo ultraje à religião. Deste modo, as expressões ganham novos termos em substituição àqueles rejeitados, subsistindo a idéia primordial. A tentativa de eufemismo das expressões pode estar localizada em período que antecede mesmo o processo de colonização do Brasil, quando na Europa da

Idade Média a idéia de inferno e seus extensivos tinha um sentido muito forte para a população cristã. Apesar de alterados o momento histórico e espaço geográfico esta recusa permaneceu. Podemos citar como algumas destas expressões: "Vá para as profundas!", "Falar no mau, preparar o pau", "Te soverta nas profundas", "Vá para a baixa da égua!", "Vá para a caixa prego ou caixa bozó!", entre outras. O insistente exercício de não proferir blasfêmias também está contemplado numa outra dimensão cotidiana: durante os afazeres diários há

sempre a presença do tentador, aquele que se ocupa unicamente em instigar a cólera, produzida por pequenos descuidos, e em conseqüência disto pronunciar as blasfêmias. O procedimento a ser cumprido então é recusar o xingamento e em resposta àquele acontecimento louvar a Deus. Um caso ilustrativo desta referência é o ato de fervura do leite. Acredita-se vivamente que o diabo distrai a atenção das donas-de-casa no momento exato da fervura, fazendo com que o líquido transborde a panela e suje o fogão. Ao se dar conta do fato, a dona-

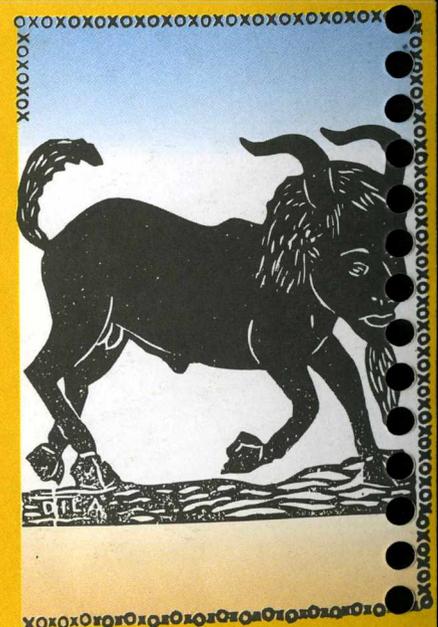
de-casa deverá limpar a superfície recitando orações ou dirigindo louvores a Deus. Também no universo da tradição oral estão relatados casos nos quais o diabo é causador de medo e desperta o sentimento de disputa. Em Riachuelo, município do RN, ainda permanece viva na memória de seus habitantes mais antigos a história de uma tal "Casa do cão", cuja nomenclatura lhe foi concedida graças à crença de que por lá



Capa de folheto "As Presepadas do Satanaz na Igreja", ilustrado com xilogravura.



Exu - entidade espiritual da umbanda, popularmente associada ao diabo



Capa de folheto "O Homem que Virou Bode" ilustrado com xilogravura de José Cavalcanti e Ferreira Dila (Pe)

rondavam alguns malassombros, dentre eles o próprio cão. O senhor José Abílio, antigo vaqueiro da fazenda onde se localizava a casa, fala que nas décadas de 50 e 60 as famílias que habitavam aquela moradia se queixavam de constantes situações inusitadas, tais como objetos que caíam no telhado, batidas nas portas e janelas, silvos estranhos e aparições de figuras misteriosas. Também moradora da localidade, a senhora

Raimunda Bilro, conta que, nas suas andanças como parteira da região, escutava relatos de um bode que fazia toda sorte de estripulias na casa do cão. O próprio José Abílio relata que certa vez, já um pouco excitado pelo efeito da cachaça, foi à tal casa e desafiou o cão, pedindo que este aparecesse, de tal sorte que o vaqueiro cruzou todos os cômodos e não partilhou da companhia da ilustre assombração. Outros espaços privilegiados para a reprodução da imagem do diabo são os folhetos de cordel e as cantorias de violeiros e emboladores. Nestas

duas produções são apropriados relatos da tradição oral que ganham adaptações e novos contornos. Frequentemente neste tipo de produção cultural temos relatos que retratam pactos e pelejas com o diabo, tendo estes em sua maioria um desfecho trágico para o tihoso. São as histórias do diabo malogrado, pois apesar de toda astúcia do diabo a sua aparição recorrentemente está associada à de uma personagem humana que faz uso da esperteza e engabela aquele que tencionava promover o mal. Também dentre os personagens preferidos para enfrentar o diabo

temos as figuras de padres e grandes devotados à fé cristã, cujos poderes para expulsar o maligno estão sempre intermediados por orações de grande força sobre o mal, como é o caso do Ofício de Nossa Senhora. Entre os relatos de desafios mais conhecidos, tanto no cordel como na tradição oral, está aquele que tem como personagens centrais o diabo e uma mulher. Respeitadas as diversas versões, a mulher faz um desafio ao diabo para que ele entre em uma garrafa. O diabo reluta mas acaba aceitando a

Galante
 Scriptorium **Candinha Bezerra**
 FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
 Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790
 www.proj-nacaopotiguar.com.br

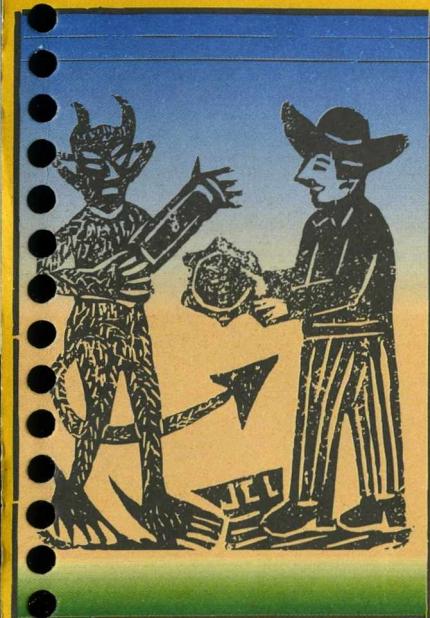
Direção Artística e de Pesquisa
 Dácio Galvão

Fotografias
 Candinha Bezerra

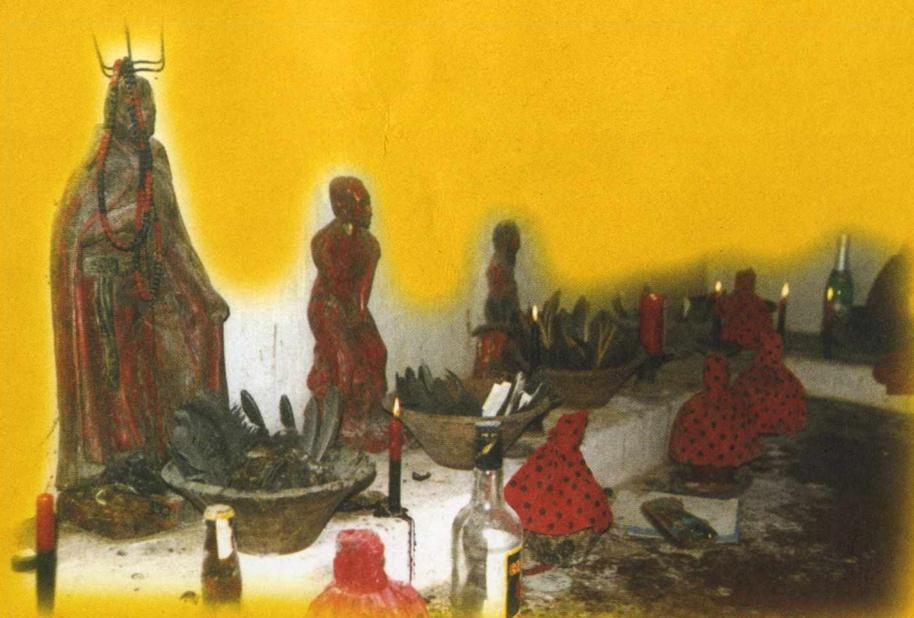
Colaborador
 Irene de Araújo van den Berg
 Mestranda em Ciências Sociais-UFRN

Programação visual
 CO2 COMUNICAÇÃO

proposta e assim que entra na garrafa a mulher lacra o recipiente, aprisionando-o. Com isto a esperteza e astúcia da mulher acabam se mostrando superiores à do próprio diabo. Da mesma forma, esta idéia de pequenos diabos em garrafas e de pactos que assegurem fartura, prosperidade e sucesso com as mulheres até



"Peleja dum Embolador de Coco com o Diabo", xilogravura de José Costa Leite.



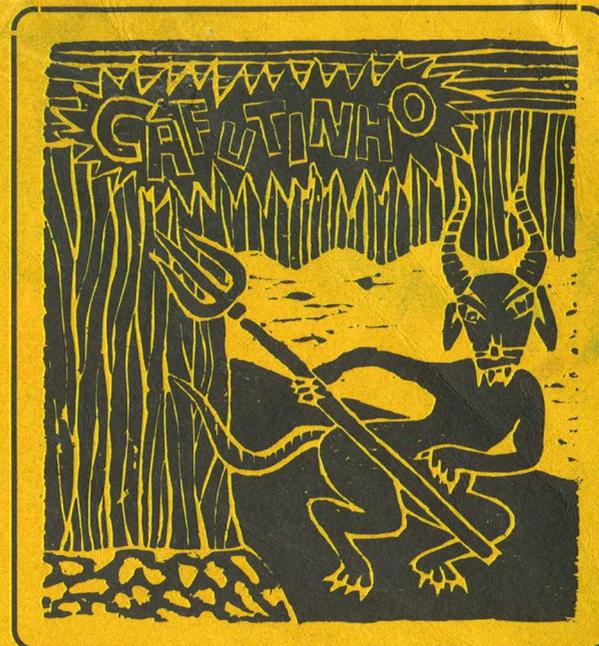
Oferendas para exu em um terreiro de umbanda.



Capa de folheto "A Mãe que Xingou o Filho no Ventre e ele Nasceu com Chifre e com Rabo, em São Paulo" ilustrado com xilogravura de Minelvino Francisco Silva (Ba)



Capa de folheto "A chegada de lampião no inferno" ilustrado com xilogravura de José Stênio Silva Diniz (Ce)



Xilogravura de Carlos Sérgio

hoje estão fortemente disseminados na cultura do povo. A alusão ao diabo, hoje tão comum, remete aos idos da colonização, quando na produção sincrética da cultura brasileira o colonizador deitou um forte acento na relação entre o cristianismo e os outros sistemas de crenças, produzindo uma imagem negativa dos cultos/práticas religiosas que não pertenciam ao catolicismo. O processo de aculturação dos indígenas e africanos foi marcado pela negação dos seus sistemas de crenças particulares, associando os mesmos à idéia de diabo e como conseqüência deste processo restaram reminescentes que até

hoje revelam preconceito nas relações sociais. Um exemplo bastante ilustrativo está na idéia que relaciona o diabo e seus domínios com a escuridão e a negritude. Isto acaba desembocando na perpetuação de associações entre as práticas afro-brasileiras e o diabo. Muitos são os fatores que contribuem para a permanência singular do diabo no imaginário popular brasileiro, dentre eles podemos



Exu-mirim

destacar o sincretismo religioso, que deu origem a uma forma inusitada de crença, o catolicismo popular. Este, ao assimilar contribuições das mais distintas tradições, forjou um sistema paralelo ao catolicismo oficial, mas de penetração bem mais marcante entre a população das camadas populares. E assim, a idéia de diabo se perpetua no catolicismo brasileiro, não podendo se arvorar abandonada, pois sua

presença continua fortemente disseminada no cotidiano e pode ser traduzida através de algumas formas de expressão que estão socializadas na cultura e no imaginário social.



DENOMINAÇÕES DO DIABO:

- ANJO MAU,
- BRASA, BELZEBU,
- CAFUTINHO,
- CAPIROTO,
- CAPETA, CÃO,
- COISA RUIM,
- DEMO, DEMÔNIO,
- DIACHO, EXÚ,
- FERRABRAZ,
- LÚCIFER, MAIORAL,
- SATÁ, SATANÁS,
- SAPIRICO,
- TINHOSO.

